



SEÇÃO LIVRE

A formação do leitor literário a partir da emancipação para Jacques Rancière e da concepção de sociedade do espetáculo de Guy Debord

The formation of literary readers based on Jacques Rancière's emancipation and Guy Debord's conception of the society of the spectacle

La formación del lector literario a partir de la emancipación de Jacques Rancière y la concepción de la sociedad del espectáculo de Guy Debord

Lana Jakabson Lavezzo¹

orcid.org/0009-0001-0947-4937
lanalavezzo@gmail.com

Gladir da Silva Cabral²

orcid.org/0000-0001-9695-9504
gla@unesc.net

Recebido em: 03 mai 2023.

Aprovado em: 28 set 2023.

Publicado em: 21 dez 2023.

Resumo: Este estudo busca compreender e analisar como a formação do leitor literário ocorre a partir das implicações da sociedade do espetáculo, um conceito de Guy Debord (2003), e da emancipação sob a perspectiva de Jacques Rancière (2019). Ao considerar a importância da leitura literária para a formação dos indivíduos, problematizaram-se algumas situações que poderão ou não contribuir para o desenvolvimento do sujeito leitor. Relacionadas ao conceito de espetáculo, essas situações foram analisadas por meio de pesquisa bibliográfica, qualitativa e reflexiva. Os livros *A sociedade do espetáculo*, de Debord, e *O mestre ignorante*, de Rancière, foram a base fundamental para o embasamento teórico, embora outras obras também sejam eventualmente acionadas para complementar análises de pontos específicos. O trabalho aqui realizado revelou que tanto a concepção de "partilha do sensível", de Jacques Rancière, quanto a de "sociedade do espetáculo", de Guy Debord, têm grande aplicabilidade para o campo da educação de modo geral e, sobretudo, para a formação do leitor literário especificamente, ainda mais quando se agrega os conceitos de Antonio Candido, que concebe o acesso à literatura como direito humano e não como privilégio de certas classes sociais. O professor emancipado e consciente dos meandros da sociedade do espetáculo colabora para a formação de leitores emancipados.

Palavras-chave: formação do leitor; leitura literária; sociedade do espetáculo; emancipação.

Abstract: This study seeks to understand and analyse how the formation of the literary reader occurs through the implications of the society of the spectacle, a concept of Guy Debord (2003), and emancipation from the perspective of Jacques Rancière (2019). In considering the importance of literary reading for the formation of individuals, some situations that may or may not contribute to the development of the reading subject were problematised. In relation to the concept of spectacle, these situations were analysed through bibliographical, qualitative and reflective research. The books *The Society of the Spectacle*, by Debord, and *The Ignorant Schoolmaster*, by Rancière, were the fundamental basis of the theoretical foundation, although other works may also be used to complement analysis of specific points. The work carried out here has shown that both Jacques Rancière's concept of "the distribution of the sensible" and Guy Debord's concept of the "society of the spectacle" have great applicability to the field of education in general and to the training of literary readers in particular, especially if one adds the concepts of Antonio Candido, who sees the access to literature as a human right and not as a privilege of certain social classes. An emancipated teacher, aware of the intricacies of the society of the spectacle, contributes to the formation of emancipated readers.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Colégio Marista e Colégio Michel, Criciúma, SC, Brasil.

² Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, SC, Brasil.

Keywords: reader education; literary reading; society of spectacle; emancipation.

Resumen: Este estudio busca comprender y analizar cómo ocurre la formación del lector literario a partir de las implicaciones de la sociedad del espectáculo, concepto de Guy Debord (2003), y de la emancipación desde la perspectiva de Jacques Rancière (2019). Al considerar la importancia de la lectura literaria para la formación de los individuos, se problematizaron algunas situaciones que pueden o no contribuir al desarrollo del sujeto lector. Relacionadas con el concepto de espectáculo, estas situaciones fueron analizadas a través de una investigación bibliográfica, cualitativa y reflexiva. Los libros *La sociedad del espectáculo*, de Debord, y *El maestro ignorante*, de Rancière, fueron la base fundamental para la fundamentación teórica, aunque también pueden utilizarse otras obras para complementar el análisis de puntos concretos. El trabajo aquí realizado ha revelado que tanto el concepto de "compartir lo sensible" de Jacques Rancière como el concepto de "sociedad del espectáculo" de Guy Debord son muy aplicables al ámbito de la educación en general y especialmente a la formación de lectores literarios, sobre todo cuando se añaden los conceptos de Antonio Candido, que considera el acceso a la literatura como un derecho humano y no como un privilegio para determinadas clases sociales. Un profesor emancipado y consciente de los vericuetos de la sociedad del espectáculo contribuye a la formación de lectores emancipados.

Palabras clave: formación de lectores; lectura literaria; sociedad del espectáculo; emancipación.

Introdução

O livro *A sociedade do espetáculo*, de Guy Debord, publicado originalmente em 1967, surge em meio ao movimento Internacional Situacionista com vista a analisar a modernidade e o sistema capitalista. A obra, intensamente política, denuncia o espetáculo como a inversão da realidade vivida pela imagem que supostamente a reflete. Em vista disso, esta pesquisa objetiva compreender e analisar como a formação do leitor literário ocorre a partir das implicações da sociedade do espetáculo, um conceito de Guy Debord (2003), e da emancipação sob a perspectiva de Jacques Rancière (2019).

A princípio, a partir das novas disposições em documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), constata-se que o ensino de Literatura nas escolas acaba passando por certa desvalorização, assim como outros componentes curriculares (Artes, Sociologia, Filosofia) que tiveram recentemente sua carga horária diminuída. Isso é visível segundo

os estudos que abordam o literário como objeto de ensino, uma vez que "em todos os países ocidentais a disciplina 'literatura' sofreu uma perda de importância, até desaparecer, pura e simplesmente" (Perrone-Moisés, 2016, p. 75). Tais informações apontam para um desapareço diante dos componentes curriculares relacionados ao campo artístico e aos conhecimentos que promoveriam o pensamento crítico do sujeito, em favor de um interesse cada vez maior pela tecnologia digital e seus meios. Contudo, essa questão será mais bem discutida no embasamento teórico deste estudo e será relacionada ao conceito de espetáculo de Debord (2003), relacionando-o com a leitura literária.

Inicialmente, o texto explora a ideia de que a leitura literária não deve ser considerada um privilégio de uma classe elitizada, mas sim um direito acessível a toda a sociedade, devido ao seu valor formativo e social que, em consonância com Rancière (2019), é capaz de emancipar. Em seguida, o texto examina o papel da leitura na sociedade do espetáculo, um conceito elaborado por Guy Debord (2003). Finalmente, o texto discute a formação do leitor literário através do conceito de emancipação de Jacques Rancière, e conclui que o grande desafio atual é a formação de leitores críticos e emancipados em um ambiente educacional democrático que promova a partilha do sensível.

Em suma, em um primeiro momento, busca-se trazer algumas das características que compõem a literatura e refletir sobre a importância da leitura literária para a formação do leitor. O direito à literatura, a leitura de mundo e a da palavra, a educação como ato político e, principalmente, a emancipação do sujeito são questões das quais este trabalho se dispõe a tratar. Em seguida, pretende-se relacionar a leitura literária à concepção de sociedade do espetáculo e analisar quais as influências do conceito de Debord para o ensino de literatura. Por fim, procura-se encontrar um caminho possível para a formação efetiva e emancipatória do leitor literário, que atualmente se encontra na perspectiva de uma educação espetacularizada.

O lugar da leitura literária

A literatura é direito de todos, como já afirmou Antonio Candido em seu ensaio "O direito à literatura" publicado pela primeira vez em 1988. Para Candido (2017), a literatura é um direito humano essencial e não deve ser tratada como um artigo de luxo. O contato com a leitura literária deve ser parte da vida dos indivíduos, assim como o alimento de cada dia que é indispensável. Todos devem ou deveriam poder alimentar o espírito com a literatura. Partindo desse ponto, considera-se a leitura literária como fundamental para a formação humana dos indivíduos. O caráter humanizador da literatura atinge o leitor de forma ampla e profunda, incluindo a dimensão "negativa" e conflituosa do viver humano, e não deve ser interpretado como algo que ensinará alguém a ser somente virtuoso. Humanizar não é treinar, não é ensinar alguém a ser "bonzinho", ou seja, não é essa a definição de literatura enquanto formação humana. Também não é a definição de literatura enquanto formação humana a experiência de leitura literária que corrompe o leitor e o torna perverso, mas sim a que o tira da zona de conforto, daí o caráter formador "negativo". Assim, a experiência com a literatura não é inofensiva, "mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração" (Candido, 2017, p. 175). Conforme Candido (2017), isso pode causar a condenação do livro, já que o efeito produzido pelo literário pode ultrapassar as normas estabelecidas, gerando conflitos no âmbito da instrução escolar. A literatura, portanto, possui dois lados: o sancionado e o proscrito. Por sancionado, compreende-se o que é aceito moralmente pela sociedade, enquanto o proscrito refere-se ao que poderia "desvirtuar" ou ter impacto moralmente negativo no leitor.

Dessa maneira, além do que foi exposto, a produção literária carrega uma mensagem, pois "tira as palavras do nada e as dispõe como um todo articulado" (Candido, 2017, p. 177). Essa organização da palavra é considerada o primeiro nível humanizador, ou seja, sem levar em conta a maneira pela qual a mensagem é construída

não é possível definir se a comunicação é literária ou não. Sem isso, não haveria o primeiro nível humanizante, e a organização do espírito, seguida da organização do mundo, não seria possível. Assim, a forma do texto literário "[...] pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido" (Candido, 2017, p. 178). Esse processo ocorre psicologicamente, porque a literatura "confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente" (Candido, 2017, p. 175). De tal modo que a literatura é comparada a um fenômeno psíquico, ou seja, assim como o sonho é capaz de equilibrar a psique, a literatura é capaz de equilibrar a sociedade por meio de sua função social.

Essa função social atribuída à literatura mostra que o indivíduo é capaz de viver dialeticamente os conflitos relacionados às questões sociais, tomando posição diante delas. Além da forma organizada, o texto literário carrega um posicionamento, uma ideologia, que atinge o leitor e o faz pensar em relação aos problemas sociais ali denunciados. Todavia, segundo André Cechinel,

[...] se a literatura humaniza, ela certamente não o faz pela via temática, por um código ético-moral rígido, por uma defesa das minorias ou da natureza, por nos ensinar a desafiar ou resistir às leis, muito embora tudo isso possa eventual e lateralmente decorrer de suas operações (2020, p. 47).

Portanto, apesar de os textos literários comportarem determinados conteúdos, a literatura não "atende a uma agenda específica" (Cechinel, 2020, p. 47). Certamente, há que se considerar que, no bojo do que se entende como literatura, há gêneros diversos, sejam narrativas ficcionais, poemas, memórias, crônicas e ensaios. Nos textos ensaísticos, a discussão temática pode ser muito mais explícita e direta, como, por exemplo, no ensaio intitulado "Stranger in the Village", de James Baldwin (2012), que diretamente propõe uma reflexão complexa e profunda sobre o preconceito e a segregação racial no Ocidente.

Seguindo a concepção social de literatura e o posicionamento que ela carrega, chega-se ao

entendimento de que a leitura literária pode levar a um pensamento crítico da realidade. A partir do que foi colocado, pode-se agregar a visão de educação como um ato político, conforme a perspectiva de Paulo Freire. A leitura, sendo parte crucial da educação, também se revela um ato político. Isso significa que, por meio da leitura, é possível abandonar a condição de oprimido. A importância do ato de ler está, para Freire, na ideia de que "l[ea] leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele" (Freire, 1989, p. 9). Desse modo, leitura e mundo estão dinamicamente vinculados. O contexto de mundo nunca deve se separar da leitura.

Em *A importância do ato de ler*, Freire destaca o movimento entre a palavra e o mundo e ressalta a ideia, nessa relação, da leitura enquanto ferramenta que possibilita ao sujeito a compreensão crítica e a transformação do mundo no qual vive. Nas palavras de Freire (1989, p. 13),

[...] a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê-lo", quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

Além disso, Freire (1989) destaca a prática de leitura como um momento em que os textos se oferecem à inquieta procura dos leitores. É necessário, dessa forma, que o leitor queira ler ou se sinta desafiado a isso. O momento da leitura literária precisa ser aquele que desperta a vontade no aluno, o que nem sempre ocorre na prática. Contudo, cabe agora dissertar primeiramente sobre algo essencial ao ensino e à formação de leitores literários: a emancipação.

Jacques Rancière, no livro *O mestre ignorante*, aborda a questão da emancipação intelectual e propõe uma visão crítica que desafia os métodos de ensino, tanto os mais antigos quanto os mais atuais. No livro, Rancière (2019) descreve a jornada do professor Joseph Jacotot, que se vê diante de uma situação desafiadora e transformadora. Por meio da definição de emancipação trazida

por Rancière (2019), propõe-se destacar a literatura como ferramenta que poderia emancipar o sujeito a partir da ideia de que esta é potência pelo caráter de sua experiência transformadora, crítica, social e humanizadora. Desse modo, a experiência é aquela que é capaz de formar sujeitos conscientes de si enquanto seres humanos que possuem direitos e deveres, e entre esses direitos está o da experiência com o sensível por meio da arte. Objetiva-se que, pela leitura, os alunos se enxerguem para além da atuação no mercado de trabalho. Como já colocado por Freire e Candido, a leitura literária tem efeito construtivo humanizador e crítico sobre o leitor. Tendo isso em vista, Rancière (2019) traz conceitos complementares a Freire e a Candido.

Em *O mestre ignorante*, a principal ideia que se apresenta é a de que há uma cisão entre mestre e aprendiz. Para Rancière (2019), à luz da experiência de Jacotot, a igualdade das inteligências é desconsiderada pelos métodos tradicionais de ensino. Na experiência de Jacotot com um grupo de estudantes holandeses, por acaso, a ignorância do mestre, por não saber holandês, fez com que os alunos pudessem aprender por si mesmos a partir da leitura de uma obra literária em francês: *As Aventuras de Telêmaco*, de François Fénelon. Aí está o princípio da igualdade, ou seja, da emancipação: a ignorância do mestre possibilitou a emancipação dos alunos. Com isso, há uma crítica à figura do mestre explicador, visto que "l[ea] explicar alguma coisa a alguém é, antes de mais nada, demonstrar-lhe que não pode compreendê-la por si só" (Rancière, 2019, p. 23). Portanto, segundo Rancière (2019), a necessidade do mestre explicador em esclarecer as coisas aos alunos é o que gera essa divisão entre sábios e ignorantes. Contudo, a experiência de Jacotot mostra o contrário, ou seja, revela que a partir da noção de igualdade das inteligências, em que não há separação entre indivíduos superiores e inferiores, é possível emancipar-se. Há muitas afinidades aqui com a crítica que mais tarde Paulo Freire faria à educação bancária, que tem na figura do mestre sabedor o elemento central.

O método da igualdade, de tal modo "[...] era,

antes de mais nada, um método da *vontade*" (Rancière, 2019, p. 30). Assim, percebe-se que essa ideia retoma os pressupostos de Freire, ou seja, da leitura literária realizada pela vontade do aluno. A emancipação só ocorre quando uma inteligência obedece a ela própria, do contrário, conforme Rancière (2019, p. 31), "[h]á embrutecimento quando uma inteligência é subordinada a outra inteligência". Dessa maneira, o processo com a leitura literária precisa de mestres que ensinem os alunos a usarem sua própria inteligência, partindo da vontade de lerem literatura, deixando que eles tomem as rédeas do caminho da leitura. Esse processo não é perfeito nem livre do risco de desengajamento por parte de um aluno desinteressado, mas pela experiência de Jacotot relatada por Rancière, vale a pena correr o risco para se alcançar autonomia. Esse caminho, todavia, é incerto.

O livro é uma fuga bloqueada: não se sabe que caminho traçará o aluno, mas sabe-se de onde ele não sairá – do exercício de sua liberdade. Sabe-se, ainda, que o mestre não terá o direito de se manter longe, mas à sua porta. O aluno deve ver tudo por ele mesmo, comparar incessantemente e sempre responder à triplice questão: o que vê? o que pensa disso? o que fazes com isso? E, assim, até o infinito (Rancière, 2019, p. 44).

Partindo da ideia de relacionar o que se leu a outras coisas, a visão de mundo apresentada por Freire (1989) aproxima-se do que Rancière (2019) discute. Isso significa que o aluno, com autonomamente, mas com a mediação discreta do professor, poderá ler e relacionar o que leu a coisas que fazem parte de sua realidade. Além disso, ele será capaz de tomar posição diante do que leu e de transformar o seu mundo graças à sua emancipação intelectual. Ou seja, a leitura, por si só, é uma experiência que desloca o aluno de uma posição de passividade para a de atenção ativa. Como dito anteriormente, a vontade para leitura é fundamental, contudo nem sempre ela vai estar presente de modo espontâneo. O professor deve ajudar a despertar o interesse pela leitura por meio da elaboração de práticas

pedagógicas significativas, lembrando aos alunos que eles são capazes, mas que nem sempre a experiência será positiva ou lúdica. Há tipos de textos literários que não vão agradar determinado aluno, mas que a um outro aluno poderá conquistar. É nesse momento que os alunos constroem o seu gosto pessoal literário, e o professor é quem acompanha a gama de descobertas literárias que existem.

O livro, então, carrega um potencial emancipador, pois "[t]oda a potência da língua está no todo de um livro. Todo conhecimento de si como inteligência está no domínio de um livro, de um capítulo, de uma frase, de uma palavra" (Rancière, 2019, p. 47). A leitura de livros literários, especificamente, além de carregar essa potência, é importante para desmitificar a ideia de que determinadas leituras literárias são impossíveis por serem "difíceis" e destinadas a uma elite social. Como apresentou Candido (2017) anteriormente, a literatura erudita não deve ser considerada um artigo de luxo que apenas uma classe da sociedade é capaz de acessar.² O papel da escola nesse processo é o de colocar em prática propostas pedagógicas que visem esse processo de leitura ativa e crítica, sendo o professor uma das inteligências que se coloca como igual e à disposição de outras inteligências.

Segundo Rancière (2019, p. 49), "[n]ão há dois tipos de espíritos. Há desigualdade nas *manifestações* da inteligência, segundo a energia mais ou menos grande que a vontade comunica à inteligência para descobrir e combinar relações novas, mas não há hierarquia de *capacidade intelectual*", ou seja, não há classe social melhor que a outra no que diz respeito à capacidade intelectual. Isso faz lembrar as ideias de Candido (2017), para quem a literatura deve deixar de ser privilégio de pequenos grupos, mas bem cultural distribuído equitativamente pela organização. Não deve haver barreiras na circulação dos produtos literários. Isso tem muito a ver com os direitos humanos e sua garantia, uma vez que "[a] literatura pode ser um instrumento

² A proposta de Antonio Candido de democratização do acesso à cultura tem sido desafiada por leituras recentes, como as de Machado

consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual" (Candido, 2017, p. 186). Nesse caso, a igualdade das inteligências também pode ser sinônimo de garantia dos direitos humanos, pois a emancipação proporciona a consciência de que todos são capazes intelectualmente e, conseqüentemente, tão mais que capazes, todos são dignos de ler literatura.

Portanto, segundo Candido (2017, p. 186), "[n]egar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade". A garantia do direito e do acesso à literatura está na consciência de que tomamos diante da sua importância, mas antes, "[p]ara emancipar a outrem, é preciso que se tenha emancipado a si próprio. É preciso conhecer-se a si mesmo como viajante do espírito, semelhante a todos os outros viajantes, como sujeito intelectual que participa da potência comum dos seres intelectuais" (Rancière, 2019, p. 57). Só assim se conseguirá superar a desigualdade, que muito pode estar vinculada ao sistema social no qual se vive.

A leitura literária segundo a concepção de A sociedade do espetáculo

A sociedade contemporânea se revela, cada vez mais, uma sociedade espetacular. O sentido de espetacular, nesse caso, é aquele que Guy Debord (2003) traz no livro *A sociedade do espetáculo*. Com o objetivo de criticar a modernidade e o sistema capitalista, o autor define o conceito de espetáculo por meio de um posicionamento político e filosófico. Desse modo, não se deve confundir o conceito de Debord (2003) com um espetáculo de teatro, um show, ou algo do gênero, embora essas também sejam formas de espetáculo. Entende-se que o espetáculo é, para Debord (2003), a inversão concreta da realidade vivida, ou seja, é a falsa representação da realidade. Com isso, a sociedade do espetáculo está

permeada por imagens que representam uma falsa realidade da vida.

O que importa ao espetáculo é o imagético, pois prefere-se a imagem à realidade concreta. As imagens, assim, mediam as relações sociais, vinculando a aparência ao sucesso nas relações, enquanto o ser físico e real é negado. Dessa maneira, o espetáculo afirma e exalta a aparência, negando a vida real concreta, em que "[n]o mundo realmente reinvertido, o verdadeiro é um momento do falso" (Debord, 2003, p. 11). A inversão concreta da realidade vivida, portanto, consiste na transformação do mundo real em imagem e na transformação da imagem em realidade, ou seja, a realidade surge no espetáculo representada de modo falso, como aparência, e o espetáculo surge no real, invadindo-o materialmente pela contemplação do espetáculo. As propagandas, por exemplo, expõem imagens de mercadorias e têm por finalidade seduzir o consumidor em uma oferta quase irrecusável de modelo de vida ideal. De modo positivo e envolvente, essas imagens são ofertadas e contempladas por um público espectador. É espetáculo da mercadoria, cercada de valor de mercado, e não necessariamente de uso. É o espetáculo do sistema capitalista.

O filme *O Show de Truman* (1998), dirigido por Peter Weir, exemplifica muitas das características de uma sociedade espetacular, assim como os *reality shows* "Big Brother" e "A Fazenda", no entanto, nestes dois últimos não há certa criticidade em relação ao espetáculo como no filme. Além disso, o cinema hollywoodiano como um todo cria o efeito da vida humana como espetáculo. Voltando ao filme *O Show de Truman* (1998), para compreender melhor como a sociedade do espetáculo está representada no longa-metragem, faz-se necessário apresentar um resumo sobre a história para estabelecer relações com o conceito de Debord (2003). O filme relata a história da vida de Truman Burbanks – interpretado por Jim Carrey – que, sem saber, é o astro principal de um

e Silva (2021), que questionam uma certa hierarquização entre alta cultura e cultura popular presentes no texto de Candido. Os articulistas, a partir de uma perspectiva decolonial, propõem o direito dos grupos excluídos e subalternizados de terem sua própria cultura e literatura reconhecidos, o que é muito importante. Todavia, Candido entende que o direito à literatura considerada "canônica" não necessariamente impede o gosto e o desenvolvimento da cultura popular. Pelo contrário, há uma troca contínua entre cultura erudita e cultura popular, uma intercomunicação constante entre elas.

reality show. Desde o seu nascimento, sua vida foi controlada e monitorada por câmeras, que transmittiam em tempo real todos os acontecimentos. Truman, até os seus 30 anos, acreditou que tudo ao seu redor fosse positivamente verdadeiro, mas todos ali eram atores contratados para atuar na falsa cidade e na falsa vida de Truman. Bilhões de pessoas, em 220 países, acompanhavam o reality pela televisão, sem desfrutar os olhos da tela. O espetáculo, segundo Debord (2003), é esse mundo falso, ou o mundo à parte, que apresenta as mercadorias como definidoras de qualidade de vida e do "ser alguém" na sociedade.

No contexto do filme também se percebe a aparência enquanto mediadora das relações sociais. O universo de Truman é vendido a todos os que o assistem, e os espectadores representados no filme encaram a vida de Truman de maneira alienada e passiva. Com isso, nota-se que esse mundo à parte, representado pelo *reality*, não se desvincula do mundo real também representado no filme, visto que as influências atingem perfeita e materialmente a vida dos espectadores. Relacionando a imagem positiva da vida de Truman e a passividade do espectador a Debord (2003), expõe-se que:

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é "o que aparece é bom, o que é bom aparece". A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência (Debord, 2003, p. 17).

A maioria do público que contemplava o espetáculo pela tela da televisão, com a exceção de pouquíssimas pessoas, aceitava sem questionar a crueldade e a manipulação sobre a vida de Truman. Dessa forma, segundo Debord (2003), o espetáculo possui caráter tautológico, de modo a não aceitar o diálogo, tendo em vista que ele tem o fim em si mesmo. A consequência disso é uma aceitação passiva, ou seja, a contemplação passiva por parte do espectador, como já foi colocado anteriormente. Com isso, "[o] espetáculo submete para si os homens vivos, na medida em que a economia já os submeteu totalmente. Ele

não é nada mais que a economia desenvolvendo-se para si própria" (Debord, 2003, p. 18). O consumo gerado pelo espetáculo ocupa a vida social em uma acumulação de produtos, em que o "ter" não se destina a ato de suprir as necessidades básicas, mas ter para expor e expor para "ser". Ao trazer para o contexto do filme, a noção de estilo de vida perfeita é vendida a bilhões de espectadores ao redor do mundo e, em muitas ocasiões, percebe-se o jogo publicitário presente no *reality show*, com a propaganda de produtos criados especialmente para o programa, em que tudo é posto à venda em um catálogo, desde as roupas dos atores e outros produtos, até as residências do falso mundo de Truman. Conforme Debord, tudo no espetáculo se torna mercadoria, isto é, "[o] mundo ao mesmo tempo presente e ausente que o espetáculo apresenta é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido" (Debord, 2003, p. 29).

A influência do acúmulo de mercadorias em relação ao "ser" é fortemente visível no *reality show*. Pelo modo como as coisas são apresentadas a Truman, há o que Debord (2003) traz sobre o sonho do capitalismo. Desde criança, Truman tinha o sonho de ser explorador, de descobrir novas realidades que não fossem aquela que lhe era imposta e manipulada. No entanto, a personagem tinha o sonho silenciado, desde a infância e por toda a vida, para que não se afastasse da pseudocidade. Com o intuito de não se tornar um explorador e se manter alienado, suas ações eram limitadas por meio da manipulação dos idealizadores do programa. O sonho imposto a ele era o do capital, do trabalho e da aquisição de produtos, em que outras ambições não eram permitidas, e o sonho vendido à plateia era a do consumo e da vida como produto de venda. Trazendo para a discussão de Debord, o autor aponta que, "[l]a medida que a necessidade se encontra socialmente sonhada, o sonho torna-se necessário. O espetáculo é o mau sonho da sociedade moderna acorrentada, que ao cabo não exprime senão o seu desejo de dormir. O espetáculo é o guardião deste sono" (Debord, 2003, p. 20). De modo irresistível, o sonho capitalista

se apresenta às pessoas, fazendo-as acreditar que devem segui-lo para serem socialmente aceitas no sistema.

Ao finalizar as contribuições do filme para o entendimento do conceito de sociedade do espetáculo, percebe-se o quanto a sociedade contemporânea tem-se tornado mais intensamente espetacular ao longo dos anos. Essa realidade atinge globalmente os indivíduos, que estão cercados pelo imagético por todos os lados. Ao mesmo tempo, a dimensão industrial e mercantil fica escondida sob os discursos alienantes e letreiros luminosos das propagandas. Dá-se o ocultamento do jogo do capital, ofuscado pelo brilho das imagens. Além disso, o consumismo exacerbado se torna parte de uma cultura cada vez menos preocupada com a vida humana e cada vez mais preocupada com o lucro.

Uma outra obra ficcional que antecipadamente problematiza a sociedade do espetáculo e seu desprezo pela literatura é o romance distópico *Fahrenheit 451*, escrito pelo autor norte-americano Ray Bradbury (2012) e publicado originalmente em 1953. O livro apresenta a sociedade norte-americana no ano de 2053, administrada por um governo central, uma sociedade dominada pela tecnologia em que os cidadãos são controlados pelos meios de comunicação de massa, sobretudo os aparelhos de TV. Nessa sociedade positivada e opressora os livros foram banidos e são diariamente incinerados. Há uma busca constante por eles e por seus traficantes, pessoas que ainda têm o péssimo hábito da leitura. Enfim, mais um exemplo imaginativo de uma sociedade onde a leitura, para os que governam autoritariamente a população, se tornara totalmente dispensável e o livro, um objeto indesejável.

É importante frisar que Debord não discute especificamente sobre literatura ou leitura literária. Contudo, o teórico menciona o campo artístico no capítulo "A negação e o consumo na cultura", em *A sociedade do espetáculo*. Nos domínios do espetáculo, a linguagem artística sofre mudanças. Para Debord (2003), a arte se afasta da vida concreta, enquanto linguagem comum, e se recompõe artificialmente no espetáculo,

representando ilusoriamente o não vivido.

la] arte, que foi essa linguagem comum da inação social, no momento em que ela se constitui em arte independente no sentido moderno, emerge do seu primeiro universo religioso e torna-se produção individual de obras separadas, a saber, o movimento que domina a história do conjunto da cultura separada. A sua afirmação independente é o começo da sua dissolução (Debord, 2003, p. 143).

Com base no excerto acima, pode-se dizer que a arte na modernidade faz parte de uma cultura separada, que divide o que está sendo contemplado de seu contemplador. Essa separação entre o objeto artístico e o indivíduo destrói qualquer possibilidade de diálogo artístico. A experiência é toda de separação: separação do trabalhador dos produtos do seu trabalho, a separação do indivíduo em relação a todo o tecido social. Outro ponto a ser considerado é que muitos objetos artísticos da história, anteriores à separação, vão perdendo o seu caráter ao serem tomados pelo espetáculo, que os separa do público, tornando-os não dialógicos.

As artes de todas as civilizações e de todas as épocas podem, pela primeira vez, ser todas conhecidas e admiradas em conjunto. É uma "coleção das recordações" da história da arte que, ao tornar-se possível, é de igual modo o fim do mundo da arte. É nesta época dos museus, quando nenhuma comunicação artística pode mais existir, que todos os momentos antigos da arte podem ser igualmente admitidos, porque nenhum deles padece mais da perda das suas condições de comunicação em geral (Debord, 2003, p. 145-146)

As relações que se estabelecem entre sociedade do espetáculo e leitura literária dizem respeito tanto ao objeto literário quanto ao momento da leitura. Primeiramente, a literatura, assim como outras formas artísticas, só tem espaço no espetáculo enquanto mercadoria, sendo assim ela vai perdendo o seu caráter literário e artístico. A linguagem espetacular, das imagens rápidas e manipulativas, presente na vida do leitor, faz com que a linguagem literária vá se afastando e perdendo espaço. Busca-se publicar o que se tem certeza de que será vendido, o que gerará lucro. Em uma sociedade em que a disputa por

atenção é cada vez maior e em que o excesso de informação satura as redes sociais e os meios de comunicação de massas, uma linguagem menos complexa é mais fácil de ser vendida, assim como textos mais curtos, simples e rápidos. Desse modo, alguns gêneros literários são perdidos e outros vão surgindo, sendo geralmente textos mais breves. A mudança do ritmo da sociedade, que agora é mais acelerado, e o autodesempenho utilitarista do sujeito, que faz com que se tenha cada vez menos tempo para algo "inútil" como a leitura de um texto literário, geram uma leitura técnica e rápida.

A pesquisa *Retratos de Leitura no Brasil* (2019), do Instituto Pró-Livro, aponta que o principal motivo para que os leitores não tenham lido mais é a falta de tempo. A pesquisa também revela que, no tempo livre, os entrevistados preferem, sucessivamente, assistir televisão, usar a internet, usar o WhatsApp, escutar música ou rádio, assistir a vídeos ou filmes em casa e usar redes sociais (*Facebook, Twitter ou Instagram*). As atividades relacionadas à leitura de livros em papel ou digitais não têm um percentual tão grande quanto as atividades relacionadas à internet, às mídias e ao entretenimento. Com os resultados da pesquisa, nota-se um aumento do uso das redes sociais comparado aos anos anteriores. Ademais, as redes sociais e a internet tornaram-se ferramentas essenciais para o espetáculo, sobretudo por serem fonte inesgotável de anúncios, informações e propagandas, além de serem meios rápidos de divulgação e de produção.

Visto que o principal motivo para as pessoas não lerem é a falta de tempo, então, fora do "tempo livre", com o que as pessoas se ocupam? Pressupondo que as pessoas estão trabalhando, estudando ou realizando atividades produtivas, chega-se a um conceito importante que se relaciona com a sociedade do espetáculo. O autodesempenho, conceito desenvolvido por Byung-Chul Han (2017), é consequência de uma sociedade que acelerou os meios de produção capitalistas, assim como o modo de vida das pessoas. Portanto, o autodesempenho do indivíduo gera autoagressão até chegar ao esgotamento,

ou ao *burnout* nos termos de Han. Esse efeito é característico do que o autor chama de "sociedade do cansaço". Desse modo, pode-se concluir que a sociedade do espetáculo e a sociedade do cansaço enxergam a leitura literária como algo que não dialoga com o mundo moderno e que não pode consumir o tempo precioso que deve se destinar ao autodesempenho, ao consumo e à contemplação do espetáculo.

Ao retomar à noção de leitura técnica e rápida, e relacionando às redes sociais e aos novos meios pelos quais a sociedade se organiza e funciona, descobre-se o problema da atenção ou da percepção no processo da leitura. Tal problema – entre outras questões sobre literatura, ensino e formação – é discutido no livro *Literatura, ensino e formação em tempos de teoria (com "T" maiúsculo)*, de André Cechinel (2020). Para Cechinel,

[...] se a leitura literária, por um lado, costuma estar vinculada a um exercício principalmente individual, autocentrado e solitário, que demanda atenção, esforço e concentração, aquilo que conhecemos como modernidade tardia ou pós-modernidade, por outro lado, é caracterizado exatamente pela imagem da dispersão, do consumo rápido, do descarte e do fluxo, de tal forma que o conhecimento de fôlego a ser incentivado e praticado na escola se vê cada vez mais inviabilizado por uma nova dinâmica leitora, repleta de estímulos em profunda sintonia com a "sociedade excitada" do tempo presente (Cechinel, 2020, p. 84).

A partir do trecho acima, entende-se que o processo de leitura sofre influência da sociedade vigente, que é a do consumo rápido e da efemeridade. A literatura passa a perder o seu prestígio e se torna pequena em meio a esse contexto, ou seja, conforme Cechinel, "[...] o seu posicionamento em meio a um mundo de artefatos, formas e artifícios intercambiáveis entre si representa um alinhamento à lógica do capital, da equivalência e das trocas constantes e, com isso, uma distância definitiva tomada em relação a sua suposta singularidade" (Cechinel, 2020, p. 89). A singularidade aqui referida é a que corresponde a um componente fundamental para a formação humana, no entanto, ao que se observa, essa singularidade parece estar ausente, ou talvez o que reste seja apenas a sua "carcaça

modeladora edificante”.

Alguns documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), também apresentam essa ótica espetacular e capitalista, voltada ao mercado de trabalho, ao utilitarismo e à positividade do espetáculo. Segundo a análise de Cechinel da BNCC na área de Literatura, no documento consta que:

[...] os alunos devem desenvolver competências e habilidades vinculadas a campos específicos que, na verdade, em sua maioria, flertam de perto com os espaços de atuação profissional, evidenciando a aversão da BNCC a processos intransitivos ou mesmo “inúteis”, em um utilitarismo em profunda sintonia com o espírito do nosso tempo –, essa política do uso ou da aplicação imediata significa, para a literatura, em particular, a sua própria negação (Cechinel, 2020, p. 42).

A “inutilidade” da literatura, mesmo que considerada pela BNCC, ainda traz uma visão positiva e espetacular em que, “[e]m vez de uma leitura negativa do seu tempo, a literatura na escola acaba oferecendo uma extensão consensual da sociedade da transparência que força os indivíduos a um constante revelar-se para si e para os demais” (Cechinel, 2020, p. 44), ou seja, os alunos em suas atividades são impulsionados à exposição do “eu”, da aparência, o que pode muito ser vinculado ao espetáculo. Contudo, há no documento oficial premissas que parecem estar em consonância com as ideias aqui defendidas, como nos seguintes excertos, quando comenta sobre as competências específicas para o ensino fundamental: “Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, [...] reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura” (Brasil, 2018, p. 87). No entanto, embora em algum momento a BNCC pareça defender uma “dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora” da leitura literária (Brasil, 2018, p. 138), isso não se confirma no documento como um todo.

Logo, a formação do leitor literário, tendo em consideração a BNCC (2018) e sua ótica mercadológica e positiva, está posta em risco. Em vista disso, não apenas no âmbito do ensino de literatu-

ra, a educação no geral passa por certa espetacularização. Partindo dessa ideia, a experiência com a leitura literária pode ser encarada como um ato passivo ou de um semientendimento, uma leitura positiva e quase nada “desconfortável”. Trata-se de uma apropriação instrumental da literatura literária, apenas para acúmulo de informação, lazer ou consumo de novidades, sem contar o uso da leitura para efeitos exibicionistas, ou seja, querer impressionar as pessoas. Além disso, o espetáculo ainda está presente na relação entre professor e aluno, associado à separação – que no espetáculo diz respeito entre espectador e “palco” – entre a figura do mestre superior e a do aprendiz inferior. Como já mencionada no início deste estudo a desigualdade das inteligências é um problema que coloca em risco a emancipação, elemento muito caro à formação de leitores literários.

A formação do leitor literário segundo a emancipação e a arte irreverente

A partir dos pontos levantados anteriormente, esta seção dispõe-se a tratar da espetacularização na educação e de como a emancipação poderia acontecer em meio a esse cenário. Cada vez mais tem sido difícil tomar a literatura como objeto de ensino, tendo em vista a sua apropriação instrumental. O tempo destinado à leitura literária também se reduz, e isso traz complicações para a formação dos leitores. Para Cechinel, “[...] a literatura demanda tempo de atenção à especificidade das obras” (Cechinel, 2020, p. 75), no entanto a escola acaba se preocupando com os saberes úteis que são tão caros à sociedade, e a literatura, por outro lado, requer um “tempo a perder” com a sua “inutilidade”, o que vai totalmente contra a educação espetacular. A escola que se quer, portanto, é “[...] uma escola que abra espaço para o ‘improdutivo’ e para o território da própria negatividade, uma escola com ‘tempo a perder’, voltada para a singularidade dos objetos, e não para aquele mesmo fluxo incessante de estímulos que regula a sociedade do espetáculo” (Cechinel, 2020, p. 73). Porém, o que se observa é uma escola muito preocupada

com a formação para o mercado de trabalho e vestibulares, em que:

[...] o literário apresenta-se sob a forma da gramática a que nos acostumamos, um quadro de fácil absorção e pronto para ser testado em vestibulares e afins, tão indispensável quanto o mais recente produto que se oferece aos nossos olhos nas prateleiras das lojas, comprado, consumido e logo descartado (Cechinel, 2020, p. 76).

A noção de educação espetacular pode ser compreendida com mais profundidade no capítulo "Tempos espetaculares: a educação como falso negativo", do livro *Formação humana na sociedade do espetáculo*, organizado por André Cechinel e Rafael Rodrigo Mueller, em 2019. Os autores trazem a ideia de educação como falso negativo. Essa ideia consiste em um pensar em "mais educação" que proporcionará "melhor vida", o que para os autores é uma relação causal falsa. Dessa maneira, a educação como falso negativo utiliza-se desse discurso para dizer que é possível se emancipar, mesmo permanecendo em uma vida espetacular, ou seja, em uma vida não vivida. Portanto, segundo Cechinel e Mueller,

[...] 'educar para o trabalho' na sociedade do espetáculo não possibilita o 'sonho acordado' da emancipação humana, mas sim a materialização do pesadelo distópico, treinando e armando cada membro da sociedade com competências e habilidades para a guerra de todos contra todos (Cechinel; Mueller, 2019, p. 161).

Diante dessa situação, retoma-se a questão da incomunicação do objeto artístico no espetáculo, trazida por Debord (2003). Desse modo, o contato com o artístico e o literário, na educação espetacular, quando existente, também passa a ser não dialógico. Seguindo as linhas de Debord (2003), a arte, e assim também a literatura, deve seguir o "estilo da negação". Entretanto, o que se encontra no ensino espetacular é um "[...] quadro de redução e domesticação do artístico em esferas separadas e organizadas para a admiração contemplativa e passiva do público" (Cechinel; Mueller, 2019, p. 159). É preciso que a experiência com a leitura literária não siga esse viés, que não haja separação, tornando a experi-

ência exclusivamente espetacular. A negação do espetáculo por meio da leitura de textos literários está na prática de leitura que não repele o aluno, separando-o do objeto literário e do conhecimento de sua singularidade. Conforme Cechinel e Mueller, há em Debord "[...] o espectro de uma ideia de formação, que passa pela recusa da positividade do espetáculo, pela violência contra a separação mercadológica, pela instituição de outra temporalidade e, por fim, pela arte como uso desviado" (Cechinel; Mueller, 2019, p. 160). Esses aspectos que denunciam a educação espetacular devem fazer parte da prática de leitura literária. No entanto, por estarmos inseridos em uma sociedade extremamente espetacular e capitalista, ainda parece ser difícil superar essas dificuldades. Contudo, talvez se possa seguir um caminho, o da emancipação que não coloque em risco a formação de leitores literários. Na teoria de Rancière (2019) há certa esperança.

Ao problematizar a prática de leitura literária, é importante relacionar alguns dos problemas da desigualdade das inteligências, denunciada por Rancière (2019), à separação entre espetáculo e espectador, de Debord (2003). Visto que a educação passa por um processo de espetacularização, que também é percebido na relação entre professor e aluno, há uma distância, um abismo, que separa os dois, assim como espectador e espetáculo. Ao pensar na experiência de leitura literária em sala de aula, o docente por vezes toma o controle de toda a situação no momento da leitura em uma postura superior. O discente, por sua vez, fica em uma postura inferior, dependendo do que o mestre explicador tem a ensinar. O diálogo entre objeto literário e leitor, então, não é possível. Além do controle do objeto literário e do momento da leitura, o professor, talvez por pressão da escola, que muito se revelou espetacular, limita-se à escolha de determinados tipos textuais a serem levados para a sala de aula e limita-se às dinâmicas espetaculares e positivas, mascaradas por uma ideia de emancipação. Tudo deve ser divertido e palatável, segundo a educação espetacular; contudo, nem sempre a leitura é fácil e prazerosa. Ler também é difícil e

desafiador. A experiência é "negativa" e demorada.

Além da superação da distância existente entre a figura do mestre e de seu aprendiz, qual olhar, portanto, professor e aluno devem ter diante da leitura para que a prática não seja algo passivo e alienante e a garantia da formação de leitores literários seja efetiva? Se por um lado Debord (2003) denuncia a contemplação passiva do espectador, por outro lado Rancière (2019) justifica que o olhar pode ser um ato ativo. Para Rancière (2019), olhar é agir, pois o sujeito que vê é capaz de relacionar o que viu com outras coisas já vistas. Relacionando a leitura literária, diz-se que o leitor deve ler ativamente. Os dois teóricos têm em comum o pensamento de que a separação deve ser superada, porém Debord (2003) o faz de maneira didática e panfletária. Já para Rancière (2019) tal atitude de Debord é explicativa, e isso faz com que a tentativa de superar o abismo existente entre espectador e palco, ou entre aluno e mestre, seja ineficiente. Tal pensamento se justifica pelo fato de Rancière entender que

[o] que embrutece o povo não é a falta de instrução, mas a crença na inferioridade de sua inteligência. E o que embrutece os 'inferiores' embrutece, ao mesmo tempo, os 'superiores'. Pois só verifica sua inteligência aquele que fala a um semelhante, capaz de verificar a igualdade das duas inteligências (Rancière, 2019, p. 50).

Nessa atitude explicativa de Debord, por melhor que sejam suas intenções, não seria possível a emancipação conforme Rancière coloca. Tomando o livro como objeto que define a igualdade das inteligências, Rancière o aborda como fonte de potência da inteligência. Ler, que também é olhar ativamente, requer atenção e vontade. É necessário, pois, ir contra a dinâmica de ensino espetacular que prejudica a experiência com a leitura e a formação de leitores literários, em que há hierarquia de saberes e há separação entre objeto literário e leitor em uma experiência nada dialógica. A partir da superação da distância entre professor e aluno, entre objeto literário e leitor, e da mudança do olhar diante do que se lê, por meio da concepção de que esse é um processo

ativo, é necessário discutir sobre dois elementos essenciais à leitura literária: a vontade e a atenção.

Para Rancière (2019, p. 83), "[a] inteligência é atenção e busca, antes de ser combinação de ideias. A vontade é potência de se mover, de agir segundo movimento *próprio*, antes de ser instância de escolha" ou seja, estar atento à leitura é fundamental, mas também é preciso ter vontade, que é o que impulsiona a inteligência. Assim, segundo Rancière (2019), a vontade é servida por uma inteligência. O que faz errar a inteligência é a falta de vontade, em que "[o] pecado original do espírito não é a precipitação – é a distração, é a ausência" (Rancière, 2019, p. 84). Dessa maneira, Rancière (2019) compreende que a falta de vontade e de atenção não geram nenhuma produção da inteligência, nenhuma reflexão e, portanto, nenhuma ação. Não é de se admirar que é exatamente isso o que a educação espetacular quer.

A sociedade tende a pensar na inteligência da mesma maneira que pensa a educação: quanto mais educação melhor vida, quanto mais inteligência mais bem-sucedido se é. Rancière (2003) exemplifica por meio de uma situação, em *O mestre ignorante*, em que duas crianças saídas do mesmo meio e formadas pelo mesmo mestre têm desempenhos diferentes em relação ao uso de sua inteligência. Uma foi mais bem-sucedida do que a outra. A resposta que Rancière dá para essa diferença é a seguinte: "[n]ão direi que a faculdade de um é inferior à do outro, somente suporei que ela não foi igualmente exercida" (Rancière, 2019, p. 78). Na leitura, por exemplo, alguns terão mais atenção e vontade que outros, mas não porque são superiores intelectualmente, e sim porque exerceram melhor a sua inteligência. Nas palavras de Rancière, "[d]irei que talvez ele tenha realizado um trabalho menos bom porque trabalhou menos bem, que não viu bem porque não olhou bem. Direi que ele dedicou a seu trabalho menor atenção" (Rancière, 2019, p. 78).

O exercício efetivo da leitura vincula-se, sem dúvidas, à vontade e ao exercício da atenção. Mas como despertar a vontade de leitura, que requer atenção e busca, em tempos espetaculares? A

tarefa aparenta ser difícil, mas devemos persistir. Uma maneira de persistir é pensar como Rubem Alves em "A arte de produzir fome" (2002), crônica que muito tem a ver com a questão da vontade. A fome é a vontade, a necessidade de satisfazer os desejos. Assim deve ser com a leitura: os professores precisam saber a arte de produzir fome em seus alunos. Para Alves (2002), a experiência de aprendizagem tem relação com a experiência afetiva em que fome é afeto, e nessa relação entre fome e afeto que surge o pensamento, é como a inteligência funciona, partindo da vontade. Todavia, Alves adverte claramente para "In]ão confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim 'affettare', quer dizer 'ir atrás'. É o movimento da alma na busca do objeto de sua fome" (Alves, 2002, p. 1). A leitura ativa, assim, seria aquela que leva o aluno a buscar satisfazer a vontade de leitura, a ter atenção e cuidado com o texto, para melhor compreensão e concentração diante do que lê. O professor, por sua vez, possui a mesma tarefa que a da cozinheira: "[...] antes de dar faca e queijo ao aluno, provocar a fome [...]" (Alves, 2002, p. 2). O mestre que emancipa é aquele que provoca a fome, que verifica a vontade e a atenção do aluno na busca por realizar o desejo. O mestre explicador é aquele que entrega somente a faca e o queijo ao aluno, em um gesto em que a consequência é a formação precária de leitores literários, sem a experiência de leitura que os faria superar a distância entre eles e seus mestres e a distância entre eles e o objeto literário.

No momento da busca, do exercício da inteligência, com a experiência de leitura, ler também é realizar a releitura e comparar o que se leu a outras coisas. Dessa forma, Rancière aponta que

[o] ato da inteligência é ver e comparar o que vê. Ela o faz, inicialmente, segundo o acaso. É-lhe preciso procurar repetir, criar as condições para ver de novo o que ela já viu, para ver fatos semelhantes, para ver fatos que poderiam ser a causa do que ela viu. É-lhe preciso, ainda, formar palavras, frases, figuras, para dizer aos outros o que viu. Em suma, por mais que isso incomode aos gênios, o modo mais frequente de exercício da inteligência é a repetição (Rancière, 2019, p. 84).

A repetição aqui não diz respeito à memorização de informações, mas sim à releitura pertencente ao momento de busca e de atenção. Por meio da leitura, no exercício de sua inteligência, o leitor emancipado entra em contato com as obras criadas por indivíduos de igual espírito ao seu. A comunicação existente, ou que ainda pode haver, mesmo a sociedade do espetáculo mostrando o contrário, entre objeto literário e leitor se dá no ato da palavra, em que

[...] o homem não transmite seu saber, ele poetiza, traduz e convida os outros a fazer a mesma coisa. Ele se comunica como *artesão*: alguém que maneja as palavras como instrumentos. O homem se comunica com o homem por meio de obras de sua mão, tanto quanto por palavras de seu discurso [...] (Rancière, 2019, p. 96-97).

O aluno, como o artista, deve se comunicar como um poeta, ou seja, "[...] um ser que crê que seu pensamento é comunicável, sua emoção, partilhável" (Rancière, 2019, p. 97). Ademais, "[é] preciso que o artesão *fale* de suas obras para se emancipar; é preciso que o aluno fale da arte que quer aprender" (Rancière, 2019, p. 97). Nessa relação dialógica em sala de aula é possível construir um caminho para a formação de leitores literários emancipados. Na lição emancipadora do artista, de Rancière, e na arte negativa, de Debord, pode-se superar a lição embrutecedora do mestre explicador e da educação espetacular. Desse modo, o aluno deve adotar dois procedimentos, segundo Rancière:

[...] não se contentar em ser homem de um ofício, mas pretender fazer de todo trabalho um meio de expressão; não se contentar em sentir, mas buscar partilhá-lo. O artista tem necessidade de igualdade, tanto quanto o explicador tem necessidade de desigualdade (Rancière, 2019, p. 104).

Portanto, por meio de uma prática de leitura ativa e dialógica, essa lição emancipadora, junto da arte irreverente que denuncia o espetáculo, pode ser o início de um caminho para se chegar à formação de leitores literários.

Considerações finais

Tendo em vista os elementos teóricos utili-

zados neste trabalho para refletir sobre a experiência com a leitura literária e a formação de leitores, chegando a uma concepção de formação emancipadora que denuncia a sociedade do espetáculo, ainda é um desafio superar os problemas existentes no âmbito escolar. É preciso ser professor emancipado e ter coragem para enfrentar a fascinação do espetáculo e propor um ensino de literatura que não vise apenas à formação de trabalhadores para o mercado e consumidores para o espetáculo capitalista.

Para encerrar a discussão, uma última noção, que se faz necessária à formação de leitores literários, é a noção de partilha do sensível trazida por Rancière. Para o autor, "[a] partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce" (Rancière, 2005, p. 16). A proposta de partilha do sensível, por meio da arte, da experiência estética, "[...] implica a inclusão dos excluídos da sociedade, a radical declaração da dignidade de todos, portanto da emancipação plena, a redistribuição dos papéis e das posições sociais" (Cabral, 2019, p. 133), ou seja, a arte inclui aqueles que são excluídos ou limitados a fazer parte do corpo social e propõe uma nova realidade e uma nova significação para esta.

Ao compreender a noção de partilha do sensível, retomam-se as ideias de Candido (2017) e de Freire (1989) sobre o direito à literatura e a leitura como ato político, respectivamente. A partilha do sensível, assim como o direito à literatura, defende a democratização da literatura em que todos têm direito a esse bem comum e imprescindível. Como ato político, a leitura literária deve ser prática presente na vida de todos os alunos e leitores. Deve-se deixar bem claro que a divisão de classes, infelizmente existente na sociedade, não pode limitar quem é capaz de ler literatura, pois todos são capazes, todos têm direito a uma parcela na partilha do sensível. Assim, os alunos o têm e, por meio da emancipação e da negação do espetáculo, serão capazes de se formarem leitores literários.

Portanto, o grande desafio atual é a formação

de leitores críticos e emancipados em um ambiente educacional democrático que promova a partilha do sensível. Enquanto a sociedade ainda se mantiver espetacularizada e positivada, ignorando a potência da literatura e outros campos artísticos, a formação de leitores literários e indivíduos emancipados será prejudicada e poucos serão contemplados com tal formação. A partir das implicações da sociedade do espetáculo de Guy Debord (2003) e da emancipação na perspectiva de Jacques Rancière (2019), a formação do leitor literário ocorre na medida em que se oportuniza, no ambiente escolar, o acesso e o exercício da autonomia leitora e em que se ultrapassam os interesses de formação meramente técnica dentro da lógica do mercado.

Referências

- ALVES, Rubem. A arte de produzir fome. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 29 out. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u146.shtml>. Acesso em: 16 nov. 2020.
- BALDWIN, James. Stranger in the Village. In: BALDWIN, James. *Notes of a Native Son*. Boston: Beacon Press, 2012.
- BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. Tradução de Cid Knipel. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2012.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (Ensino Médio)*. Brasília: MEC, 2018.
- CABRAL, Gladir da Silva. A sociedade, o espetáculo e o espectador: uma leitura de Guy Debord à luz de Jacques Rancière. In: CECHINEL, André; MUELLER, Rafael Rodrigo (org.). *Formação humana na sociedade do espetáculo*. Chapecó, SC: Argos; Criciúma, SC: Ediunesc, 2019, p. 105-144.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017. p. 169-191.
- CECHINEL, André; MUELLER, Rafael Rodrigo. Tempos espetaculares: a educação como falso negativo. In: CECHINEL, André; MUELLER, Rafael Rodrigo (org.). *Formação humana na sociedade do espetáculo*. Chapecó, SC: Argos; Criciúma, SC: Ediunesc, 2019. p. 147-172.
- CECHINEL, André. *Literatura, ensino e formação em tempos de teoria (com "T" maiúsculo)*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo, SP: Projeto Periferia, 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>. Acesso em: 22 out. 2022.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. 5. ed. São Paulo, 2019. Disponível em:

<https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao>. Acesso em: 4 nov. 2020.

MACHADO, R.C.M.; SILVA, D.V.S. Ensino de literaturas e decolonialidade: por uma educação literária democrática. *Gragoatá*, Niterói, v. 26, n. 56, p. 1207-1240, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i56.49166>. Acesso em: 28 set. 2023.

O SHOW de Truman. Direção de Peter Weir. Los Angeles: Paramount, 1998. (103 min).

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.

Lana Jakabson Lavezzo

Graduada em Letras pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), em Criciúma, SC, Brasil. Professora do Colégio Marista e do Colégio Michel, em Criciúma, SC, Brasil.

Gladir da Silva Cabral

Doutor e mestre em Letras Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil. Professor do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), em Criciúma, SC, Brasil.

Endereços para correspondência

Lana Jakabson Lavezzo

Rua Saturno José Demétrio, 25
São Defende, 88808-058
Criciúma, SC, Brasil

Gladir da Silva Cabral

Rua Urussanga, 125, apto. 102
88801-535
Criciúma, SC, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.